UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

VIVIAN VALERIA BARRETO SANTOS

O PREPARO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO REMOTO E A VOLTA DO ENSINO PRESENCIAL/HÍBRIDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SERGIPE: UM ESTUDO DE CASO

SÃO CRISTÓVÃO
2022

VIVIAN VALERIA BARRETO SANTOS

O PREPARO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO REMOTO E A VOLTA DO ENSINO PRESENCIAL/HÍBRIDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SERGIPE: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciada de Letras.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elaine Maria Santos

SÃO CRISTÓVÃO

2022

O preparo dos professores para o ensino remoto e a volta do ensino presencial/híbrido em uma escola pública de Sergipe: um estudo de caso

Vivian Valeria Barreto Santos[1]
Orientadora: Elaine Maria Santos[2]

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o preparo dos professores para as aulas durante o período remoto bem como as principais considerações sobre a mudança do ensino remoto para o ensino híbrido em uma escola pública de Sergipe. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, na qual dois professores de uma escola pública do Estado apresentaram as suas impressões sobre o ensino remoto e o ensino híbrido, demonstrando as dificuldades encontradas e o sentimento de despreparo dos alunos, após o retorno físico à escola.

Palavras-chave: Pandemia, ensino remoto, ensino híbrido

Abstract: This paper aims to analyze the preparation of teachers for classes during remote teaching as well as the main considerations about the changes from remote teaching to hybrid teaching in a public school in Sergipe. This is a qualitative research of the case study type, in which two teachers from a public school in the State presented their impressions about remote and hybrid teaching, demonstrating the difficulties encountered and the feeling of unpreparedness of the students, after the physical return to school.

Keywords: Pandemic, remote teaching, hybrid teaching

[1]Graduanda em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
[2] Mestre em Letras e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe

INTRODUÇÃO

O COVID-19 influenciou a vida da população em vários aspectos desde o seu surgimento e, principalmente, desde o ano de 2019, momento em que o mundo foi pego de surpresa com a declaração da pandemia, quando muitas medidas de segurança precisaram ser tomadas, com o objetivo de diminuir o contato entre as pessoas e, por consequência, a disseminação do vírus, devido à gravidade da doença e de quão rápido o contágio estava sendo. Um dos cuidados tomados para combater o novo vírus foi o fechamento de estabelecimentos considerados como não-essenciais e escolas, uma vez que todo tipo de contato, mesmo com máscara, inclusive a do professor-aluno, poderia ser sinônimo de contrair tal doença, podendo levar o paciente a óbito, no caso de complicações.

Os educadores, alunos e outros envolvidos na área da educação precisaram migrar para o sistema de ensino remoto, com o qual a grande maioria não estava acostumada, em especial o público da escola pública, dado que, em muitas delas, a quantidade de recursos é muito menor, quando comparado com uma escola particular de ensino, por exemplo. Mas nenhuma instituição pôde se planejar de forma devida, já que o novo modelo de ensino precisou ser adotado em caráter emergencial, levando em conta que a decisão de fechamento dos estabelecimentos, instituições de ensino etc, precisou ser tomada às pressas, sempre com o objetivo de proteger todos de um vírus que ainda era desconhecido pelos profissionais da ciência. A nova construção de ensino, na qual os professores e alunos passaram a se encontrar de forma virtual, foi nomeada de Ensino Remoto Emergencial (BEHAR, 2020; PINTO; MARTINS, 2020). Remoto, porque seria feito virtualmente, e emergencial, em virtude das condições mundiais citadas anteriormente, que ocasionaram essa tomada dessa decisão. Cada escola adotou essa nova modalidade da sua maneira, levando em conta seus recursos tecnológicos, sua realidade, o perfil dos discentes e docentes etc.

Desse modo, esse artigo teve o objetivo de responder ao seguinte questionamento: como os professores foram preparados para dar aula durante esse período e como essa preparação (ou a falta dela) influenciou na aprendizagem dos alunos de escolas públicas? Baseados nesta pergunta, analisamos de que forma aconteceu o preparo dos professores no/para o ensino remoto, levando em

consideração os professores de uma escola pública de Sergipe. Da mesma forma, analisamos a diferença entre ensino remoto e ensino online; discutimos sobre como os professores foram preparados para o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19; investigamos como se deu a migração do ensino remoto/híbrido para o ensino presencial em uma escola pública do Estado de Sergipe; e verificamos de que forma o preparo dos professores no/para o ensino remoto contribuiu para a aprendizagem dos alunos.

Com o estudo dessas questões, é possível ajudar os profissionais de ensino a ficar mais preparados para uma possível volta para o ensino remoto emergencial no futuro. A abordagem desse tema contribuirá para o conhecimento dos professores de Sergipe, pois será mais uma pesquisa com dados relevantes que poderão ser utilizados, futuramente, caso haja a necessidade de ações similares de distanciamento social, em decorrência de possíveis novas situações pandêmicas.

Na pesquisa estabelecida, estudamos um grupo específico, nesse caso professores de uma escola pública de Sergipe, que chamaremos de **Escola A**, tendo como preocupação a análise da preparação dos docentes para o período remoto e a migração do ensino remoto para o ensino presencial/híbrido. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório feita através de um estudo de caso. Qualitativa, pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009), uma pesquisa de tal natureza não se preocupa com a quantidade de pessoas no grupo e sim com o teor do que é produzido; e exploratória por ter investigado, compreendido e analisado determinado grupo e informações sobre eles. Para a pesquisa, utilizamos um questionário como instrumento de pesquisa, o qual foi aplicado com dois professores da escola selecionada presencialmente. É importante destacar que todos os participantes concordaram com a pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual todos tomaram conhecimento de que não serão citados seus nomes, local de trabalho, nem qualquer outra informação pessoal que possa ir de encontro ao acordo descrito no termo.

DIFERENÇA ENTRE ENSINO REMOTO E ENSINO ONLINE

Com o advento da mudança de cenário que a pandemia de Covid-19 causou,

novas pesquisas e nomenclaturas para as novas “modalidades” de ensino passaram a surgir. Visto que o ensino online não é algo novo, pois alguns lugares, principalmente universidades particulares, já utilizavam-no como parte da categoria de cursos, foi preciso diferenciar o ERE da EAD (Educação a distância). Com isso, alguns artigos falando sobre essa temática começaram a surgir, com o objetivo de ajudar não só os atuais educadores, como os licenciandos na área e outros pesquisadores, nos quais constam opiniões diferentes do que vem a ser ou como definir o Ensino Remoto Emergencial. Falando sobre esse aspecto, Joye et. al (2021) diz que “o ensino remoto não é uma modalidade de ensino, mas sim uma forma adequar as TDs à educação em todas as suas modalidades de forma emergencial”. Nessa primeira perspectiva, os autores trazem o ensino remoto não como uma construção nova ou modalidade de ensino imposta pela pandemia, e sim uma maneira que foi imposta à figura do professor para levar as tecnologias digitais (TDs) para a sala de aula. Ou seja, o agente responsável por levar o aprendizado aos alunos precisaria usar todo o seu conhecimento de metodologias de ensino já usadas em sala de aula anteriormente e colocá-las em prática através das tecnologias digitais disponíveis na instituição de ensino. Por que, então, o Ensino Remoto Emergencial não foi apenas nomeado como “ensino online” ou “a distância”, já que esse seria feito através de tecnologias digitais? Como mencionado anteriormente, antes da pandemia, algumas universidades privadas e outras instituições de cursos livres, por exemplo, já ofereciam o ensino a distância, também chamado de ensino online, no qual o aluno tinha a possibilidade de fazer seus próprios horários e ter uma maior flexibilidade nos estudos, podendo, inclusive, conciliá-lo com outras tarefas, por exemplo, o trabalho:

> a Educação a Distância é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes, tutores e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Ela possui um modo de funcionamento com uma concepção didático-pedagógica própria. Esta abrange conteúdos, atividades e todo um design adequado às características das áreas dos conhecimentos gerais e específicos, contemplando o processo avaliativo discente (BEHAR, 2020).

Como destacado pela autora, o ensino a distância possui “uma concepção didático-pedagógica própria”, não sendo possível, por exemplo, estudar a distância

durante o ensino regular, pois esta modalidade de ensino está disponível apenas através de cursos e afins.

Já o ERE, quando adotado, não teve a proposta de dar aos alunos uma maior flexibilidade em assistir às aulas, e sim a de oferecer o único meio para que os alunos não ficassem sem estudar durante um período de pandemia; e, como a própria nomenclatura já traz, em caráter emergencial. Podemos elencar essa como uma das primeiras e principais diferenças entre ensino online e ensino emergencial, como citado pela autora:

> No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é "substituída" por uma presença digital numa aula online, o que se chama de 'presença social'. Essa é a forma como se projeta a presença por meio da tecnologia (BEHAR, 2020).

Ainda uma outra diferença presente é que cada escola pública usou recursos diferentes e já existentes para a ministração das aulas, diferentemente das instituições responsáveis pelo ensino online que costumam ter sua própria plataforma de ensino.

> as escolas tiveram que buscar estratégias para implementação de atividades didáticas remotas, com ou sem uso das Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação (TDIC), que poderiam acontecer por meio de reuniões com grupos de estudantes por aplicativos, por meio de lives, debates, produção de vídeos, material de estudo dirigido, dentre outras ferramentas e metodologias que atenderiam às características específicas de cada ação pensada pelo professor (PINTO; MARTINS, 2020).

Podemos concluir, então que, devido à pandemia de COVID-19, foi preciso criar uma nova forma de ensino que pudesse ser realizada de forma remota, mas que utilizasse os mesmos princípios do ensino presencial, com respeito a aprendizagem e tivesse o objetivo de desenvolver as mesmas habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, foi necessário que os professores utilizassem seus conhecimentos tecnológicos para continuar a manter o ensino mais parecido possível com o que era antes da pandemia. Muitas foram as abordagens utilizadas, sem que fosse possível se pensar em uma padronização de ações, diferentemente do que acontece com a EaD, uma vez que o Ensino Remoto

Emergencial e a Educação a Distância são modalidades de ensino diferentes e não podem ser confundidas.

PREPARO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A universidade tem visado formar professores bem preparados para lidar com as dificuldades impostas pela docência, e mesmo após formados, muitos profissionais procuram continuar estudando e se especializando, em busca do aprimoramento do ensino. Porém, a pandemia trouxe algo que os docentes nunca tinham passado e não havia nenhum material disponível que os ajudassem a lidar com os desafios do Ensino Emergencial Remoto (ERE). Contando que muitas escolas públicas não possuíam recursos digitais para driblar os desafios, o professor ficou à deriva quando mais precisava de apoio. “O professor não deixa de ser essencial ao processo formal de ensino aprendizagem, mas não pode, sozinho, resolver as complexas questões que envolvem a posição da escola diante das tecnologias digitais disponíveis” (PINTO; MARTINS, 2021, p. 6).

É sabido que a maioria das escolas públicas não possuíam (antes e talvez nem durante a pandemia) recursos tecnológicos que pudessem ajudar o educador a diversificar as aulas ou até mesmo conhecimento para lidar com elas. Com a chegada das aulas virtuais, vários desafios apareceram e ter conhecimento dessas tecnologias se tornou cada vez mais necessário. Só que, para muitos, a falta de tecnologia não era a principal dificuldade, como citado pela cartilha Todos pela Educação:

> O ensino remoto não deve se resumir a plataformas de aulas online, apenas com vídeos, apresentações e materiais de leitura. É possível (e fundamental!) diversificar as experiências de aprendizagem, que podem, inclusive, apoiar na criação de uma rotina positiva que oferece a crianças e jovens alguma estabilidade frente ao cenário de muitas mudanças (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

Desse modo, a necessidade passa a ser não somente o investimento em novas tecnologias, mas na preparação dos professores para usá-las, de modo que os alunos consigam ter uma boa aprendizagem.

A adoção do ERE não foi opcional, uma vez que esse seria o único modo de interação professor-aluno, então desdobrar-se era o único modo que os professores tinham para fazer as aulas acontecer, o que era uma responsabilidade muito grande, relatada por muitos professores.

> O desafio foi fazer com que a educação pudesse transpor as barreiras físicas e conseguisse encontrar meios de chegar à casa de todos os envolvidos no processo educacional, seja por meios digitais (TDIC) ou não. Desse modo, foi preciso tomar decisões, rapidamente, sobre como dar continuidade às atividades letivas, de forma remota, atendendo às diversas realidades educacionais, econômicas e sociais de professores e estudantes (PINTO; MARTINS, 2021, p. 8).

Como citado no tópico anterior, o Ensino Remoto Emergencial não teve a intenção de estabelecer novas normas para o ensino nas escolas públicas, mas também não era possível das aulas de um jeito igual a como acontecia antes, pois agora tinha muito mais dificuldades.

ESTUDO DE CASO: METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para participar da pesquisa, foram selecionados dois professores da Escola A, que serão chamados de Participante A e Participante B. A pesquisa foi feita presencialmente através de um questionário físico, no qual eles precisaram ler o termo de consentimento livre e esclarecido para depois responder as 15 perguntas do questionário, sendo elas 13 objetivas e 2 subjetivas. Com a finalidade de preservar sua própria identidade e a da escola, não foram colocados espaços para nome e local de trabalho no documento.

A partir das 3 primeiras perguntas iniciais, foi possível fazer uma breve abordagem a respeito da profissão dos participantes, sem comprometer a identidade deles, estando de acordo com o termo. O participante A não ensina em outras escolas, é formado de 7 a 11 anos e ensina na Escola A de 0 a 3 anos, isso quer dizer que ele provavelmente entrou bem próximo ao início do período remoto ou em meados dele e talvez tenha passado por essa realidade na outra escola em que ministra suas aulas. Já o participante B não ensina em outras escolas, é formado há mais de 12 anos e ensina na instituição há 4 a 6 anos, mostrando que este já tinha um certo vínculo com

a escola antes do período remoto. No questionamento seguinte, falando sobre os recursos tecnológicos utilizados durante a pandemia, ambos marcaram várias plataformas, exceto o Microsoft Teams, talvez por causa da licença necessária para utilização e contanto que essa plataforma não é de tão fácil acesso quanto as outras elencadas - Google Meet, Google Classroom, Whatsapp e também o material físico que serviu como recurso.

As questões de número 5 a 10 foram cadastradas sob o tópico Preparação para o ensino emergencial. Nesse bloco, entenderemos como a escola ou o próprio participante pôde se preparar para dar aulas remotamente. Ambos marcaram que tiveram algumas reuniões online e foram incentivados por parte da direção para que houvesse o compartilhamento de experiências entre os professores. O participante A também mencionou, através da sua resposta, que a instituição ofereceu um dispositivo móvel. Nenhum dos participantes foi capacitado pela instituição e não estavam se sentindo preparados para esse desafio, porém eles buscaram essa preparação através de vídeos no Youtube e materiais na Internet. Além disso, o participante A mencionou que a instituição ofereceu treinamento no período da pandemia, embora tenha deixado em branco essa opção na questão anterior. Ao ter abertura para comentar sobre o fato de não estar se sentindo preparado para dar as aulas remotamente, o participante A mencionou que “a urgência do momento não permitiu um preparo antecipado” e o participante B disse que ‘a falta de experiência com as ferramentas e outros modos de ensino digitais a assustaram no início’.

Na pergunta seguinte foi solicitado que os participantes selecionassem de 1 a 6 em cada sentença, sendo que 1 significava bastante fraca e 6 bastante significativa. Nesse ponto, algo interessante aconteceu: ambos marcaram de modo similar; de modo que o participante A sinalizou 2 para tudo o que foi elencado: a participação dos alunos, entrega das atividades, acompanhamento durante as explicações, a procura dos alunos para tirar dúvidas, o empenho dos alunos durante as atividades, a dificuldade dos alunos dos recursos tecnológicos e a presença dos alunos em aula (todas as sentenças estão relacionadas ao período remoto). Já a participante B, marcou 3 nas três primeiras sentenças mencionadas anteriormente e 2 nas demais. Essa foi a questão final desse tópico.

O tópico seguinte falou a respeito do retorno às atividades no formato híbrido e ambos responderam que já estavam com 2 ou 3 doses e que a escola seguiu bem os protocolos de biossegurança impostos, ao disponibilizar álcool em gel, pias com

sabão, aferição de temperatura, e distanciamento social de 1,5m ou mais. Porém, o sentimento dos alunos foi de desânimo, uma vez que estavam mais dispersos e com conteúdo atrasado. Além dessas dificuldades, o participante B, ao responder a última pergunta subjetiva, mencionou que o sistema híbrido não funcionou muito bem por causa da qualidade da internet, já que alguns estavam em sala de aula e outros em casa, nesse momento. Também, como informado pelo participante A, os alunos poderiam pegar as atividades impressas na escola, caso preferissem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores sempre tiveram um papel essencial no processo de aprendizagem dos alunos, função essa que se tornou mais desafiadora durante o período remoto. A partir dos resultados obtidos na pesquisa, foi percebido que não foi oferecido um suporte completo para que os docentes pudessem ministrar suas aulas com segurança - os treinamentos não aconteceram como deveriam e o professor precisou ir em busca da capacitação por si próprio com o intuito de driblar as dificuldades. Também foi notado que embora os professores tenham ido em busca de conhecimento para conseguir passar o conteúdo para os alunos da melhor forma possível, quando o ensino passou a ser híbrido, o problema agora estava na estrutura tecnológica que a escola não possuía, ou seja, mesmo depois do período pandêmico, não foram oferecidas boas condições de trabalho.

Se faz necessário que o estado continue investindo em treinamentos para o uso das Tecnologias Digitais não só para o caso de novas situações pandêmicas no futuro, como também para capacitar todos a usarem esses recursos nas suas aulas de agora.

REFERÊNCIAS

PINTO, Karla Emannuella Veloso; MARTINS, Ronei Ximenes. A implantação do Ensino Remoto Emergencial em escolas públicas e particulares da Educação Básica: um estudo de caso em um município mineiro. EmRede: Revista de Educação a Distância, Lavras, Minas Gerais, ano 2021, v. 8, ed. 1, 16 jul. 2021. DOI https://doi.org/10.53628/emrede.v8.1.738. Disponível em: https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/738. Acesso em: 10 out. 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas?. *In*: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 4, p. 41-57.

CRUZ, Priscila; BORGES, João Marcelo; NOGUEIRA FILHO, Olavo (Coord.). Nota técnica: ensino a distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19. Todos pela Educação: abril, 2020.

GONÇALVES. I. C. B. et al. Ensino Remoto para Quem? Relato de Experiências em Quatro Escolas Públicas do Rio de Janeiro Durante a Pandemia da COVID- 19. EaD em Foco, v. 10, n. 3, CONTRIBUIÇÕES DA EAD EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA e1310, 2020. doi: https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1310

BEHAR, P.A. O ensino remoto emergencial e a educação à distância. 2020.Disponível em: https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/.